|  |  |
| --- | --- |
| UNIVERSIDADE DO ESTADODO RIO DE JANEIRO | CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES |
| UNIDADE ACADÊMICAInstituto de Artes | DEPARTAMENTODepartamento de Teoria e História da Arte |
| NOME DA DISCIPLINA**Arte e recepção: Estudos da modernidade global** | ( ) OBRIGATÓRIA( x ) ELETIVA | CARGA HORARIA45 | CRÉDITOS03 |
| NOME DO CURSOPPGHA – Mestrado/DoutoradoÁREA DE CONCENTRAÇÃO:História da Arte Global | DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA |
| TIPO DE AULA | CARGA HORÁRIA | Nº DE CRÉDITOS |
| TEÓRICA / PRÁTICA | 45 | 03 |
| TOTAL | 45 | 03 |
| PRÉ-REQUISITOS | ( x ) Disciplina do curso de mestrado acadêmico( ) Disciplina do curso de mestrado profissional( x ) Disciplina do curso de Doutorado |
| PROFESSORESVera Beatriz Siqueira (UERJ/PPGHA)Renato Palumbo Dória (UFU) | PERÍODO2020 / 1 | HORÁRIO2ª feira, 14h às 17h | LOCALSala a confirmar, Bloco F |

**Título**

O Brasil na modernidade global: Anacronismos e invisibilidades

**Ementa**

A relação entre a cultura artística brasileira e o campo de uma modernidade pretensamente global pode ser pensada sob diferentes ângulos, incluindo as relações entre centros e periferias, os regionalismos e nacionalismos, os processos de colonização e decolonização, a crítica das hegemonias narrativas, etc. A pretensa inserção da arte brasileira em um panorama global, por sua vez, continua esbarrando, apesar de alguns avanços, nos limites estabelecidos para os contornos desta inserção que inclui, muitas vezes, a problematização do lugar da identidade, da alteridade e do exotismo.

Já no século XIX este conflito se colocava, especialmente no contexto do ensino artístico, entre os valores de uma arte supostamente universal e uma paisagem humana, natural e social radicalmente singular. Aquilo que os primeiros estudiosos definiam como arte brasileira era a busca por uma espécie de ajuste e síntese entre estes dois vetores (singularidade e universalidade), um exercício recorrente mas nem sempre bem sucedido, que atravessou o modernismo do século XX e chega como questão aos dias atuais.

No caso brasileiro (marcado por gritantes desigualdades sociais), sublinhe-se ainda a evidente parcialidade com a qual sua história da arte foi construída e vem sendo reproduzida, evidenciando e reiterando aquelas trajetórias artísticas que melhor se ajustaram aos valores dominantes e tidos como “universais”. Construção e reprodução que deliberadamente ou não silenciam e ignoram uma vasta gama de produções, consideradas quando muito como exemplos menores ou regionais.

Diante deste contexto, e tomando como ponto de partida a trajetória de algumas obras e artistas específicos (do Brasil e do exterior), de modo a compreender historicamente a arte moderna (e o pensamento sobre ela) produzida a partir do Brasil, pretendemos observar e discutir as flutuações, contradições e fragilidades do próprio conceito de modernidade, enfatizando o conflito recorrente entre a pretensa universalidade do cânone moderno ou modernista e a emergência de experiências locais e pessoais não plenamente enquadráveis. Serão enfatizadas experiências lidas frequentemente como “equivocadas”, anacrônicas e/ou desviantes – ou mesmo invisíveis, esquecidas ou nem mesmo registradas –, além de experiências artísticas que falem sobre os diálogos entre culturas. Pensar de outros modos estas obras, artistas e experiências é hoje um exercício necessário, permitindo ampliar o escopo da historiografia da arte moderna e, com ela, a revisão crítica das narrativas e cânones já estabelecidos.